

Carolina Maria de Jesus: uma estrangeira em nossa literatura?

Carolina Maria de Jesus: a foreigner in our literature?

JOÃO XIMENES NETO

RESUMO

No início da década de 1960, uma mulher pobre, negra e favelada surgiu no cenário da literatura brasileira para contar as condições de vida numa favela em São Paulo através do seu diário. *Quarto de despejo: diário de uma favelada* nasceu em 20 de agosto de 1960 e foi escrito por Carolina Maria de Jesus: a mulher que veio da favela para se tornar reconhecida como poeta e escritora. Sobre os caminhos trilhados até que a “estranha” e desconhecida mulher negra e favelada se firmasse como uma das mais importantes escritoras negras do Brasil, destacamos *Quatro de Despejo* para falarmos sobre a escritora Carolina Maria de Jesus, com base na figura da “estrangeira” associada à de “estranha”, de acordo com o título sugestivo do livro *Falando com estranhos: o estrangeiro e a literatura brasileira* (2016), coletânea de ensaios críticos e textos ficcionais organizada por Godofredo de Oliveira Neto e Stefania Chiarelli, que revê a tradição literária nacional pelo ponto de vista do estrangeiro. Nesse livro, a palavra “estrangeiro” é utilizada com sentido de imigrante, viajante, o indivíduo que é de outro país, proveniente de uma outra nação. Nesse trabalho, expandiremos esse conceito metaforicamente para

entender que Carolina Maria de Jesus é uma autora “estrangeira”, vinda da favela para construir sua própria imagem de poeta e escritora um ambiente não literário.

Palavras-chave: Carolina Maria de Jesus; Literatura brasileira; Escritora negra; Estrangeira.

ABSTRACT

In the beginning of the sixties, a poor, black and slum woman emerged in the Brazilian Literature scenario to tell about her life conditions in a slum of São Paulo through her diary. *Quarto de despejo: diário de uma favelada* was born on August 20th, 1960 and was written by Carolina Maria de Jesus: the woman that came from the slum to be recognized as a poet and writer. About the trodden paths until the “stranger” and unknown black and slum woman become one of the most important black writers in Brazil, we highlight *Quarto de despejo* to talk about the writer Carolina Maria de Jesus, based on the figure of the “foreigner” associated to the “stranger”, according to the suggestive title *Falando com estranhos: o estrangeiro e a literatura brasileira* (2016), a compilation of critical essays and fictional texts, organized by Godofredo de Oliveira Neto and Stefania Chiarelli, that reviews the national literary tradition through the foreigner’s point of view. In this book, the word “stranger” is used with the meaning of immigrant, traveler, the individual from another country, coming from another nation. In this work, we expand this concept metaphorically to understand that Carolina Maria de Jesus is a “foreign” author, coming from the slum to build her own poet and writer’s image in a non-literary circle.

Key words: Carolina Maria de Jesus, Brazilian literature, black writer, foreigner.

Negritude

Sou preta fujona,
De alma alforriada,
“Preta atrevida”,
Neta de escravos nascidos
Com a mão aberta
Pra receber a palmatória

Sou preta
Que não quer nada além
Da dignidade,
E digo mais,
Escrevam por aí
Em nome dos meus ancestrais
“Preta metida”? Jamais!

Sou a preta do cabelo empinado
Meu corpo é negro,
Nenhum tom em mim é pardo,
Mas estou branca de medo
Do teu preconceito.

Minha voz é negra
E grita no escuro
Sou porta-voz da favela,
Quarto de despejo
Para o mundo.

Minha voz é negra
E grita no escuro
Por mim e por vós,
E por tudo aquilo
Que eu ainda poetizo.
Minha voz é negra
E grita sem medo,
Já não embranqueço
Do teu preconceito.
Por mim e por vós!
Oh, meu Deus
Preciso de voz.

João Ximenes

O ENCONTRO COM A VOZ E A ESCRITA DE CAROLINA

O primeiro encontro com a voz e a escrita de Carolina é narrado pelo jornalista Audálio Dantas no prefácio do livro *Quarto de despejo*, intitulado “Nossa irmã Carolina”. Segundo o prefácio, em abril de 1958 o jornalista foi à favela do Canindé para fazer uma reportagem sobre um brinquedo instalado pela Prefeitura. Ao chegar à favela, viu que o brinquedo feito para os meninos, “os mais velhos tomaram para si. Homem feito, de barba na cara, era quem gozava do balanço” (DANTAS, 1960, p. 9). Ao se aproximar desse brinquedo, encontrou uma mulher alta, negra, que protestava:

- Deixe estar que eu vou botar todos vocês no meu livro!
- Aí eu perguntei: Que livro?
- Então ela me respondeu:
- O livro que eu estou escrevendo as coisas da favela (DANTAS, 1960, p. 9).

Era Carolina Maria de Jesus: a “estranha” voz literária que veio da favela transformar seu livro em literatura. Seu livro promoveu o diálogo entre o repórter e a autora. Seu livro tornou-se o encontro entre duas vozes até então desconhecidas: a do jornalista engajado na questão da pobreza com que escrevia a realidade da favela para o mundo e que protestava contra a situação de exclusão social vivenciada por uma parcela significativa da sociedade:

Coisa bem contada, assim como aparece agora em letra de forma, sem tirar nem pôr. Eu vi, eu senti. Ninguém podia melhor do que a negra Carolina escrever histórias tão negras. Nem escritor transfigurador poderia arrancar tanta beleza triste daquela miséria toda. Nem repórter de exatidão poderia retratar tudo aquilo no seco escrever (DANTAS, 1960, p. 10).

O “seco escrever” com que Carolina retrata a miséria na favela provoca um encantamento em Audálio Dantas como repórter e leitor ao ver e sentir as histórias “negras” contadas no seu diário. Em *Quarto de despejo*, a história de Carolina é tão negra quanto a cor de sua pele, e tão negra quanto o lugar em que vive. A cor negra reflete a miséria da favela: “Preta é a minha pele. Preto é o lugar onde eu moro” (JESUS, 1960, p. 160).

Esse encantamento de Audálio Dantas pelas histórias “negras” de Carolina é descrito por Joel Rufino dos Santos, em *Carolina Maria de Jesus: uma escritora improvável*, como algo que se revela pelo “encantamento por meio da palavra” e por “uma sensação de estranhamento que acomete o leitor quando menos se espera. No diário de Carolina, e em seus outros escritos, esse estranhamento é frequente” (SANTOS, 2009, p. 23) e desperta o seu interesse em conhecer a visão da autora a respeito da realidade da favela. Esse olhar, essa visão de Carolina, segundo Dantas, é o relato escrito sobre uma pobreza indesejada: “Uma miséria tão grande que a gente nem entende ela. Ou não quer entender verdadeira. Se a gente entendesse, a favela não estava lá na beira do Tietê. Já que está, o melhor é a gente fechar os olhos e tampar os ouvidos. Convém.” (DANTAS, 1960, p. 6).

No entanto, Carolina não quer fechar os olhos nem tampar os ouvidos. Carolina não quer se esconder nem ficar calada; quer revelar a “grande” miséria através da escrita do seu diário. A escritora decide então romper o silêncio e abrir o seu “quarto de despejo” para o mundo. Ao

abri-lo, Carolina expressa o seu grito através da palavra para que sua história ecoe e ela possa existir através desse eco que fala de si e do outro em sua obra, construindo sua identidade na favela e na literatura. Esse outro, em *Quarto de despejo*, é o ser favelado, por quem a autora nutre ódio e compaixão. Se por um lado ela se coloca no lugar desse outro, por outro ela quer rejeitá-lo, não o aceitar como parte de si. “É por isso que eu tenho dó dos favelados. Se bem que aqui tem pessoas dignas de desprezo, pessoas de espírito perverso” (JESUS, 1960, p. 49).

Ao romper o silêncio, a autora inscreve suas experiências que se materializam em literatura em seu diário. Nele, Carolina se firma como poeta e escritora, e se distancia da posição de subalternidade na favela. No entanto, ainda que Carolina tenha saído da favela, a favela jamais sairia de Carolina. Tanta a autora quanto os seus escritos foram recebidos e adjetivados de forma pitoresca pela imprensa e pela aristocracia intelectual. Carolina foi rotulada como “escritora-favelada”, e seus escritos, definidos como textos de valor meramente documental, negando o teor poético e literário de sua obra.

Independentemente da forma como seus escritos foram recebidos, é importante atentarmos para a construção do processo de escrita do seu diário. Em relação a esse processo, Raffaella Andréa Fernandez, em sua tese *Processo criativo nos manuscritos do espólio literário de Carolina Maria de Jesus*, defende que a produção dos escritos de Carolina tem por base uma “poética de resíduos”: um processo de escrita incomum que reúne diversos recursos literários e não literários na criação de seus textos, que eram escritos em boa parte em papéis avulsos, blocos e cadernos reutilizados que ela recolhia das lixeiras enquanto exercia seu ofício de escritora. Nesse processo, Fernandez faz uma comparação entre a produção escrita de Carolina e o processo de montagem de um barraco:

“O diário de uma favelada” está montado sobre restos de discursos, assim como as habitações da favela são construídas com os restos da cidade. Nos escritos de Carolina de Jesus encontra-se uma forma análoga à de um barraco, que aglomera material-argumentos temporários, frase-arquitetura imprecisa, sempre em mutação geográfico-discursiva (FERNANDEZ, 2015, p. 16).

A partir da estrutura de um barraco, cuja arquitetura é feita de material reutilizado, entende-se que a escrita de Carolina é um processo artesanal, de natureza híbrida e fragmentada, diferente dos modos de escrever dos cânones literários, pois não seguia uma ordem ou padrão específico para produzir seus textos. E foi através desse seu estranho modo de escrever seu diário que Carolina se tornou uma das mais conhecidas autoras das letras brasileiras, cuja obra

promoveu diálogos com outras formas de arte, sendo adaptada para o teatro, cinema e televisão. Com isso, Carolina se lançou no mercado editorial apesar das críticas feitas ao seu diário. No entanto, já é tempo de a crítica recusar esse epíteto “escritora-favelada” utilizado pela imprensa desde a publicação do seu livro. Carolina produz arte. Carolina Maria de Jesus é escritora.

QUARTO DE DESPEJO: SER OU NÃO SER LITERATURA?

Em uma homenagem a Carolina Maria de Jesus na Academia Carioca de Letras, no dia 17 de abril de 2017, o professor de literatura e escritor Ivan Cavalcanti Proença negou à obra *Quarto de despejo* o status de literatura:

O gênero diário contempla esse livro sim. Mas há algumas observações que podem ser feitas. O diário, ele é ou confessional ou intimista ou coloquial. Não são excludentes esses três componentes. E quanto ao narrador, ele pode ser um diário ficcional, é onde entra a literatura. Os diários ficcionais, eles têm toda uma literariedade. Esse componente ficcional favorece o diário com literariedade. Ele pode ser real, totalmente real, como é este aqui reproduzindo o real, e pode ser um misto de ficcional com real. Então este livro é diário do real, da categoria real, sem cronologia fixa, porque não precisa ter cronologia fixa. Agora, não é literatura. No sentido de literariedade não é. E nem precisa ser... Esse livro é de uma importância extraordinária, e acho bizantina a discussão que envolveu os intelectuais paulistas quando este livro fez sucesso. O Audálio escreve e conta pra nós que houve intelectuais revoltados com a publicação desse livro. Mas de qualquer forma, esses literatos, escritores, esses intelectuais que se colocam num patamar parnasiano, ... Um deles declarou e aqui tá transcrito: "Ora, se essa mulher escreveu um livro, assim qualquer um vai poder escrever um livro". E daí que ele está aqui, registrado num parecer, que qualquer um pode escrever um livro... Não há neologismos, o que há são vocábulos rigorosamente estranhos por ela não conhecer a carga semântica que ela queria expor... A hipérbole, o exagero está no próprio contexto da narrativa em existir gente humana que viva dessa maneira. Então, não é literatura, não tem que ser, e ótimo que seja um relato de uma pessoa naturalmente, um relato natural e espontâneo. (PROENÇA, 2017) ¹

Fez o mesmo o escritor e historiador estadunidense Benjamin Moser, autor do livro *Clarice, uma biografia*, publicado em 2009 no Brasil. Nele, Moser descreve uma imagem na qual Clarice Lispector aparece ao lado de Carolina Maria de Jesus durante o lançamento de um livro:

¹ Transcrição do depoimento disponível em https://www.youtube.com/watch?v=gsbHLYahQ_8.

Numa foto, ela aparece em pé, ao lado de Carolina Maria de Jesus, negra que escreveu um angustiante livro de memórias da pobreza brasileira, *Quarto de despejo*, uma das revelações literárias de 1960. Ao lado da proverbialmente linda Clarice, com a roupa sob medida e os grandes óculos escuros que a faziam parecer uma estrela de cinema, Carolina parece tensa e fora do lugar, como se alguém tivesse arrastado a empregada doméstica de Clarice para dentro do quadro (MOSER, 2013, p. 25).

Esse lugar do qual Carolina está fora, segundo Moser, é o meio literário frequentado por intelectuais brancos e “belos”. Carolina é vista como peça fora do tabuleiro do “jogo literário”, pois não estaria apta a pertencer ao grupo restrito de escritores e literatos, devido a sua condição social e racial.

Se, para Cavalcanti, *Quarto de despejo* é um diário real que não carrega literatura ou se, na biografia de Moser, não passa de um “angustiante livro de memórias”, é relevante questionar: quem pode dizer que um texto é ou não literatura? Afinal, o que é literatura? E por que razão o livro não teria que ser literatura?

Literatura vem do latim *litteris*, que significa letras. Refere-se à arte ou ofício de escrever e tem sua expressão na linguagem oral e, mais frequentemente, na escrita. Joel Rufino dos Santos reitera essa visão de que a literatura vem das letras que definem histórias e poesias escritas, podendo também designar prosas e poemas não escritos, os quais são contados a todo o tempo e em qualquer lugar. A partir dessas definições, ele afirma que a literatura tem como um de seus efeitos produzir encantamento: “Arte de encantar com palavras, por exemplo. Encantar: seduzir, fascinar, iludir, produzir encantamento. Se nos encantamos com desenho e cor, é pintura; com espaço e movimento, escultura; com sons, música; com tato e cheiro, amor – e assim por diante” (SANTOS, 2009, p. 23). Além disso, a noção de literariedade caracteriza a literatura como sendo o uso diferenciado da linguagem em relação à utilizada na fala corrente. É a partir dessa noção que compreendemos a forma estranha de Carolina descrever com as suas próprias palavras as paisagens do céu dentro da favela, conforme observamos no trecho a seguir:

... O céu é belo, digno de contemplar porque as nuvens vagueiam e formam paisagens deslumbrantes. As brisas suaves perpassam conduzindo os perfumes das flores. E o astro rei sempre pontual para despontar-se e recluir-se. As aves percorrem o espaço demonstrando contentamento. A noite surge as estrelas cintilantes para adornar o céu azul. Há varias coisas belas no mundo que não é possível descrever-se. Só uma coisa nos entristece: os preços, quando vamos fazer compras. Ofusca todas as belezas que existe (JESUS, 1960, p. 44).

Pela leitura desse trecho, é possível perceber o modo com que a escritora produz encantamento com sua própria linguagem. Carolina seleciona adjetivos específicos para caracterizar o céu, as brisas, o sol e as estrelas, além de descrever e acompanhar o movimento desses elementos que, em harmonia, formam paisagens belas e encantadoras, em contraste com “os preços”, elemento estranho que aparece no final do trecho em relação aos enumerados anteriormente, que representariam a beleza. Nesse trecho, Carolina cria um encantamento com que ela atrai o leitor com o seu olhar interior da favela. Esse olhar interior é descrito em *Quarto de despejo* com uma narrativa que chama a atenção pela forma como ela retrata a condição de vida na favela. Além disso, a própria metáfora, que dá título ao livro, dá conta da visão que Carolina expressa da favela:

Quando estou na cidade, tenho a impressão que estou na sala de visitas com seus lustres de cristais, seus tapetes de viludo, almofadas de sitim. E quando estou na favela tenho a impressão que sou objeto fora de uso, digno de estar num quarto de despejo (JESUS, 1960, p. 37).

A expressão “quarto de despejo” é uma metáfora da favela, sinalizando onde estão os indivíduos “despejados” da cidade, as vozes dos excluídos, que não possuem serventia para a sociedade. Entre eles, a autora do livro, que se autodenomina “objeto fora de uso”, localizada à margem dos centros urbanos com seus adereços de consumo de uma “sala de visitas” que só se aproxima dela através da imaginação. O habitante do “quarto de despejo” é um dejetivo humano, empurrado para um canto bem distante de quem está na “sala de visitas”, no caso, a cidade. Esse distanciamento também se verifica na impossibilidade de sequer comprar um par de sapatos para a filha, que ela vai encontrar no lixo. O sapato é lixo, ela é lixo. Tudo se coisifica no lixo, que abre o livro. Eis o que Carolina relata logo na primeira entrada do diário, em 5 de julho de 1955:

Aniversário da minha filha Vera Eunice. Eu pretendia comprar um par de sapatos para ela. Mas o custo dos gêneros alimentícios nos impede a realização dos nossos desejos. Atualmente somos escravos do custo de vida. Eu achei um par de sapatos no lixo, lavei e remendei para ela calçar. Eu não tinha um tostão para comprar pão (JESUS, 1960, p. 13).

No trecho acima, Carolina define a si mesma e aos favelados como alguém que não escolheu a própria condição de viver, nem teve o direito de escolha. Ambos são propriedade de um custo e trabalham excessivamente para adquirirem o que precisam. Ao empregar a primeira

pessoa do plural em “Atualmente somos escravos do custo de vida”, ela aproxima a sua realidade da nossa e nos faz inferir que somos todos seres humanos, uma vez que temos as mesmas necessidades e enfrentamos os mesmos problemas para garantir nossa sobrevivência, cujos preços, nas palavras da autora, “aumentam igual as ondas do mar” (JESUS, 1960, p. 60). Carolina explora o valor de coletividade que a literatura expressa, ao refletir sobre a condição humana.

Na frase “eu não tinha um tostão para comprar pão”, o fato de “não ter” representa algo muito comum que acontece na sua realidade, como a falta de um “tostão para comprar pão”, a falta de leite e sabão, assim como a falta de dignidade no lugar onde vive, o que lhe causa o sentimento de revolta diante de situações que ocorrem:

Hoje é a Nair Mathias quem começou imprecisar com os meus filhos. A Silvia e o espôso já iniciaram o espetáculo ao livre. Êle está lhe espancando. Eu estou revoltada com o que as crianças presenciaram. Ouvem palavras de baixo calão. Oh! se eu pudesse mudar daqui para um nucleo mais decente (JESUS, 1960, p. 15).

Ao usar a expressão “espetáculo ao ar livre”, Carolina descreve em tom irônico uma cena que acontece com frequência no espaço onde vive: uma briga entre um casal, que acontece de forma indiscreta e sem nenhum pudor. Na descrição dessa “cena”, a autora narra o conflito entre homem e mulher como um espetáculo, onde o palco é a favela e a plateia são as crianças. Diante desse espetáculo, a narradora expressa a sua revolta pela forma como ele acontece, além da sua vontade de mudar-se para outro lugar. No final desse trecho, Carolina mostra seu distanciamento em relação aos vizinhos, vistos como seres desordeiros e que possuem a capacidade de, em pouco tempo, transmitir notícias:

18 de maio ...Na favela tudo circula num minuto. E a notícia já circulou que Dona Maria José faleceu. Várias pessoas vieram vê-la. Compareceu o Vicentino que cuidava dela. Êle vinha visitá-la todos os domingos. Êle não tem nojo dos favelados. Cuida dos míseros favelados com carinho. Isto competia ao tal Serviço Social... Chegou o esquife. Côr roxa. Côr da amargura que envolve os corações dos favelados (JESUS, 1960, p. 34).

Ironicamente, a narradora que se distancia do objeto narrado – os personagens da favela – é também aquela que dele se aproxima, compadecendo-se dos “míseros favelados”. A cor roxa não é apenas do esquife que o olho do narrador vê. Fazendo um jogo entre o concreto e o abstrato, o olhar adentra a vida do favelado: o coração da favela é roxo de amargura.

Para enfrentar a amargura que envolve o coração da favela, Carolina, além de ler e escrever, usa o seu canto. O canto é o ato com que transmite a sua alegria. Através dele, ela se compara às aves que cantam ao amanhecer em harmonia com o seu hábito de olhar para o céu. O amanhecer é o seu momento de alegria, o período da manhã em que possui tempo e tranquilidade para cantar e contemplar o espaço:

Fiquei conhecendo uma pretinha muito limpinha que falava muito bem. Disse ser costureira, mas que não gostava da profissão. E que admirava-me. Catar papel e cantar. Eu sou muito alegre. Todas manhãs eu canto. Sou como as aves, que cantam apenas ao amanhecer. De manhã, estou sempre alegre. A primeira coisa que faço é abrir a janela e contemplar o espaço (JESUS, 1960, p. 26-27).

Além de contemplar o espaço, Carolina contempla também a comida no instante de cozinhar arroz e feijão:

... Fiz a comida. Achei bonito a gordura fringindo na panela. Que espetáculo deslumbrante! As crianças sorrindo vendo a comida ferver nas panelas. Ainda mais quando é arroz e feijão, é um dia de festa para êles. Antigamente era a macarronada o prato mais caro. Agora é o arroz e feijão que suplanta a macarronada (JESUS, 1960, p. 43).

Nesse trecho, a comida também representa a imagem do que é belo para a autora, algo tão surpreendente como o canto que provoca alegria em Carolina, além de ser descrita como um acontecimento espetacular, um dia de festa para as crianças ao verem “a comida ferver nas panelas”. Nessa descrição, as palavras “bonito”, “fringindo” e “sorrindo” formam rimas que dão fluidez ao texto de Carolina, adquirindo um ritmo poético em suas frases. Já no registro do dia 13 de maio de 1958, data em que se comemora a abolição da escravidão, a comida está associada às ideias de independência e liberdade contra a fome, a “escravidão atual” que Carolina enfrenta diariamente. Nesse dia, a autora conta, do começo ao fim, o seu caminho em busca de alimento para si mesma e seus filhos, quando narra a sua luta para se libertar da fome:

13 de maio Hoje amanheceu chovendo. É um dia simpatico para mim. É o dia da Abolição. Dia que comemoramos a libertação dos escravos... Nas prisões os negros eram os bodes expiatorios. Mas os brancos agora são mais cultos. E não nos trata com desprêso. Que Deus ilumine os brancos para que os pretos sejam feliz.

Continua chovendo. E eu tenho só feijão e sal. A chuva está forte. Mesmo assim, mandei os meninos para a escola. Estou escrevendo até passar a chuva,

para eu ir lá no senhor Manuel vender os ferros. Com o dinheiro dos ferros vou comprar arroz e linguiça. A chuva passou um pouco. Vou sair.

... Eu tenho tanto dó dos meus filhos. Quando eles vê as coisas de comer eles brada: - Viva a mamãe!

A manifestação agrada-me. Mas eu já perdi o habito de sorrir. Dez minutos depois eles querem mais comida. [...] Choveu, esfriou. É o inverno que chega. E no inverno a gente come mais. A Vera começou pedir comida. E eu não tinha. Era a reprise do espetáculo. Eu estava com dois cruzeiros. Pretendia comprar um pouco de farinha para fazer um virado. Fui pedir um pouco de banha a Dona Alice. Ela deu-me banha a arroz. Era 9 horas da noite quando comemos. E assim no dia 13 de maio de 1958 eu lutava contra a escravatura atual – a fome! (JESUS, 1960, p. 32).

Além de escravizadora, a fome é a realidade difícil de Carolina. Tão difícil quanto o “pão duro que se come”. Por meio dessa expressão e através de hipérbatos, ela conta como é dura a vida de um favelado: “Duro é o pão que nós comemos. Dura é a cama que dormimos. Dura é a vida do favelado” (JESUS, 1960, p. 42). Nessas inversões, entende-se que duro é o pão, dura é a realidade, dura é a fome que endurece a vida de Carolina e de todos os moradores da favela. Além da fome e a comida, outros contrastes e conflitos são descritos em seu diário como elementos que predominam sobre o tempo e o espaço em que a narradora se encontra e, a partir deles, a escritora produz suas reflexões. A respeito de sua estranha arte de escrever sobre a favela, Carolina Maria de Jesus escreve com fluidez sobre o outro em um lugar estranho, seco e duro.

A “ESTRANGEIRA” CAROLINA MARIA DE JESUS

Em *Falando com estranhos: o estrangeiro e a literatura brasileira*, Godofredo de Oliveira Neto e Stefania Chiarelli falam da figura do estrangeiro citando os “forasteiros, gringos, retornados, viajantes, *pachucos* e clandestinos” (CHIARELLI; OLIVEIRA NETO, p. 2016, 11), que se deslocam constantemente de um espaço a outro – países, territórios, estados –, em busca de uma nova vida. Sobre esses viajantes, em especial os imigrantes, os autores destacam que muitas de suas vivências estão registradas em documentos que nos permitem esboçar um “retrato” do estrangeiro, nem sempre tão tranquilo quanto talvez a história tenha procurado moldar. Nesse livro, o ponto de partida está na assertiva:

Revelar o presente, buscando uma determinada leitura do passado, é necessário para a percepção da cultura brasileira a partir de narrativas que inúmeras vezes se ocupam de personagens à margem, excêntricos, fora da órbita do progresso

e do discurso homogeneizante da nação (CHIARELLI; OLIVEIRA NETO, 2016, p. 8).

A partir dela, podemos entender o estrangeiro como um sujeito estranho que é excluído e marginalizado, alguém que foi apartado de uma região central de uma cidade, estado, ou país, e colocado em uma posição periférica devido aos graves impasses que rondam a contemporaneidade. Estando o estrangeiro inserido em uma sociedade que não o reconhece como alguém igual aos outros, é nessas histórias que esse estrangeiro encontra o seu espaço – nessa literatura escrita por estrangeiros ou sobre estrangeiros, sendo eles autores ou protagonistas, através de relatos de suas experiências de vida, convertidos em discursos literários, muitas vezes marcados pela vivência da dor e do trauma em um ambiente estranho e desconhecido. Nesse “estranho” espaço de “estrangeiros”, também podemos pensar nos “brasileiros desterritorializados”. Estes assumiram vozes que contam as dificuldades do seu dia a dia, além de se fazerem presentes no mundo através de seus discursos. Vozes muitas vezes silenciadas exatamente nesses espaços criados para “isolar” aqueles que não têm importância para a sociedade.

No caso da escritora Carolina Maria de Jesus, a sua vivência como estrangeira é narrada em seu diário. Trata-se da voz de uma mulher pobre, negra e favelada, que sobrevive como catadora de papel em meio às tensões que marcam o seu cotidiano – nesse caso, a fome e a pobreza. Além dessas tensões, existe a figura de um sujeito marcado pela busca da “experiência da liberdade” quando este se recusa a pertencer ao espaço em que vive, mas que é obrigado a incluir-se dentro dele:

Abri a janela e vi as mulheres que passam rápidas com seus agasalhos descorados e gastos pelo tempo. Daqui a uns tempos êstes palítois que elas ganharam de outras e que há muito devia estar num museu, vão ser substituídos por outros. É os políticos que há de nos dar. Devo incluir-me, porque eu também sou favelada. Sou rebotalho. Estou no quarto de despejo, e o que está no quarto de despejo ou queima-se ou joga-se no lixo (JESUS, 1960, p. 38).

... Nós somos pobres, viemos para as margens do rio. As margens do rio são os lugares do lixo e dos marginais. Gente da favela é considerado marginais. Não mais se vê os corvos voando as margens do rio, perto dos lixos. Os homens desempregados substituíram os corvos (JESUS, 1960, p. 55).

Em seu diário, Carolina é a estrangeira “desterritorializada”, que não pertence à sociedade por estar na favela, lugar onde foi esquecida e isolada com o que restou da cidade. Excluída e

marginalizada, Carolina quer se mudar do “quarto de despejo”, tornar-se conhecida como poeta e escritora e não pertencer ao grupo dos que estão despejados: “É que estou escrevendo um livro, para vendê-lo. Viso com êsse dinheiro comprar um terreno para eu sair da favela” (JESUS, 1960, 28).

Ao querer se firmar como poeta e escritora, Carolina busca desconstruir essa imagem de ser apenas o outro da favela. Carolina quer ser aceita, fazer parte do convívio social e não ser ignorada por uma elite que a impede de ter os mesmos direitos que os outros. Por ser pobre, negra e favelada, Carolina é sinônimo do mal-estar social que incomoda a elite dos brancos, dos diretores de circos e editores que não a reconhecem como escritora, mas como a “preta” que ousa publicar seus escritos:

... Eu escrevia peças e apresentava aos diretores de circos. Eles respondia-me:

- É pena você ser preta.

Esquecendo eles que eu adoro a minha pele negra, e o meu cabelo rustico. Eu até acho o cabelo de negro mais iducado do que o cabelo de branco. Porque o cabelo de preto onde põe, fica. É obediente. E o cabelo do branco, é só dar um movimento na cabeça êle já sai do lugar. É indisciplinado. Se é que existe reencarnações, eu quero voltar sempre preta.

... Um dia, um branco, disse-me:

- Se os pretos tivessem chegado ao mundo depois dos brancos, aí os brancos podiam protestar com razão. Mas, nem o branco nem o preto conhece a sua origem.

O branco é que diz que é superior. Mas que superioridade apresenta o branco? Se o negro bebe pinga, o branco bebe. A enfermidade que atinge o preto, atinge o branco. Se o branco sente fome, o negro também. A natureza não seleciona ninguém (JESUS, 1960, p. 65).

Para Carolina, ser negra não é ser estranha e nem sinônimo de inferioridade. Ser negra é ter orgulho de si, da sua cor, da sua pele, do seu cabelo, da sua negritude, aceitar-se como veio ao mundo e também ser aceita pela sociedade. Portanto, Carolina escreve não apenas a história da sua vida, como também a sua saga para ser reconhecida como mulher negra e autora de peças teatrais, além de ser admitida como escritora em um meio editorial que a rejeita:

5 de novembro ... Passei no empório, vendi um litro para o senhor Eduardo por 3 cruzeiros para pagar o ônibus. Quando cheguei no ponto de ônibus encontrei com o Toninho da Dona Adelaide. Êle trabalha na Livraria Saraiva. Disse-lhe:

- Pois é, Toninho, os editores do Brasil não imprime o que escrevo porque sou pobre e não tenho dinheiro para pagar. Por isso eu vou enviar o meu livro para

os Estados Unidos. Ele deu-me varios endereços de editoras que eu devia procurar (JESUS, 1960, 128).

16 de janeiro ... Fui no Correio retirar os cadernos que retornaram dos Estados Unidos. (...) Cheguei na favela. Triste como se tivessem mutilado os meus membros. O *The Reader Digest* devolvia os originais. A pior bofetada para quem escreve é a devolução de sua obra (JESUS, 1960, p. 174).

Ao retirar seus cadernos dos Correios, Carolina sente-se mutilada com a devolução de seus manuscritos, pois ela os enxerga como partes de si, do seu livro. Autora que não se distingue da obra, já que Carolina é a própria obra, o seu diário, seus manuscritos, seus poemas. Carolina é o livro rejeitado pelas editoras, assim como ela também é uma rejeitada do espaço editorial e literário. Carolina é tão estrangeira quanto a sua obra. Ambas estão do lado de fora.

No entanto, Carolina é “o poeta que enfrenta a morte quando vê seu povo oprimido” (JESUS, 1960, p. 40). Carolina é o outro de nós mesmos, que sentimos fome, desejos, as mesmas dores e necessidades de sobreviver; que temos o mesmo destino e o direito de sermos tratados com respeito e igualdade. Carolina, que é escritora, poeta e pensadora, não quer ser excluída nem deixar de ser aceita pelos que representam a aristocracia intelectual, mas não quer pertencer aos outros que ocupam o espaço da favela.

Ao escrever, Carolina ultrapassa os limites do local onde vive e adentra um outro com vasto conteúdo simbólico, o da literatura. Nele, a autora apresenta o seu dia a dia ao leitor, situando-o no espaço em que o estrangeiro sobrevive a partir da sua escrita com que descreve a si mesmo e o outro. No entanto, Carolina não pertenceu a (nem se tornou parte integrante de) um grupo no espaço em que vivia. Foi hostilizada pelos habitantes da favela como “a preta que gostava de ler e escrever”, pois naquele espaço tais ações não tinham importância para os outros. Mas Carolina não se rende à favela. Carolina não é favela, não é a fome, a violência, seus moradores. Longe de todos, Carolina é poeta e escritora. Carolina é a estranha da favela. A favela é o espaço estrangeiro de sua autora que viveu, escreveu, gritou, amou como também odiou, e poetizou a miséria em sua forma mais agressiva e bela em seu *Quarto de despejo*. Nele, Carolina está além da favela e muito além da condição de estrangeira. Carolina está além das críticas e negações de uma aristocracia intelectual, que não conseguiu impedi-la de compor o seu discurso literário que emergiu das profundezas da favela.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHIARELLI, Stefania; OLIVEIRA NETO, Godofredo de (Org.). (2016). *Falando com estranhos: o estrangeiro e a literatura brasileira*. Rio de Janeiro: 7Letras.

DANTAS, Audálio. (1958). O drama da favela escrito por uma favelada: Carolina Maria de Jesus faz um retrato sem retoques do mundo sórdido em que vive. São Paulo: Folha da Noite, ano XXXVII, nº10.885, 9 maio de 1958.

_____. (1960). Nossa irmã Carolina: apresentação de Audálio Dantas. In: JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. São Paulo: Francisco Alves, p. 5-12.

FERNANDEZ, Raffaella Andréa. (2015). *Processo criativo nos manuscritos do espólio literário de Carolina Maria de Jesus*. Tese de Doutorado em Teoria e História Literária. Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

JESUS, Carolina Maria de. (1960). *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. São Paulo: Francisco Alves.

MOSER, Benjamin. (2013). *Clarice, uma biografia*. Tradução de José Geraldo Couto. São Paulo: Cosac Naify.

PROENÇA, Ivan Cavalcanti. (2017). Mulheres na literatura. Pronunciamento no Fórum Carioca de Cultura feito em 17 de abril de 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gshHLYahQ_8>. Acesso em: 30 ago. 2018.

SANTOS, Joel Rufino dos. (2009). *Carolina Maria de Jesus: uma escritora improvável*. Rio de Janeiro: Garamond.

João Ximenes Neto

Mestre em Literatura Brasileira pela UFRJ.